

PRELUDIO

ORGAM DO "CENTRO ARTISTICO DO CONSERVATORIO"

Anno I

S. PAULO -- ABRIL -- 1907

Num. 6

COMISSÃO DE REDACÇÃO:

Raul Valentim de Queiroz e d. Rosita Wainberg.

Chronica íntima

Leitor amigo, aqui estamos.

Depois de uma ausencia de quatro mezes, espannejamos a redacção; afastamos as persianas para que penetre a luz da nova aurora que desponta, e, com amabilidade no gesto, sorriso nos labios, vos saudamos:

— Bons dias, leitor benevolo.

Já retornam os tempos alegres da nossa actividade jornalística; o entusiasmo do regresso faz-nos activos e dispostos; a pujança da mocidade dá-nos a força precisa para continuarmos esta lida afanosa, lutando contra a apathia, lutando contra a rotina, lutando contra a convenção, serenos ante os escolhos, firmes, certos, convictos da victoria final.

Safa! Não é prosapia, mas é verdade. Doge já desbanca os seus 500 volumes, e, nervoso, revolucionario, fulmina os «ratés» a golpes de Mallat e a jactos de Stephens. Que o petroleo não entorne pela casa...

Bilac, acavallado nas azas da Poesia, transporta-se a essa dôce e mystica Judéa dos tempos do Baptista, onde o espera a sensual e bella Salomé...

Que não quebre o pé... (Eis-me tornado poeta!!!)

Alli Roland, abandonando seu mundo de alambiques e retortas, na volupia da fantasia, vôa, vôa através da cerulea abobada, cujos elementos mui prosaicamente elle conhece, e vae buscar a Deus, o grande confeiteiro desta pillula medonha, que é o mundo, e proclama-o como unico verdadeiro, maior que Berthelot, maior que Lovoisier...

Mais adiante, Luar, o cultivador do estylo, investiga, escolhe, lapida os vocabulos de effeito e os dispersa pelos albums, numa irradiação de ouro e de esmeraldas...

Oiram, o teu amigo, creado e obrigado, já condoído das tuas desgraças, descança por momentos, mas observa...

As collegas... as collegas o que fazem não o sei eu: vedam-as uma parede e dezoito degraus.

Supponho, porém, que a esta hora, confabulam com o coração, em dôces, melodosos sonetos; recordam-se «dos bons tempos de outróra, desses tempos que foram e que não voltam mais»; e contemplam os mimosos beija-flores no torcicollado vôo.

Mas, pára-me indecisa a penna, enquanto eu as idealiso em tão ingenuos lazeres, não estarão ellas, antes, a criticarem, zombeteiras, os labios brancos e delgados de algum pobre diabo?!

Talvez. Se é difficil, perscrutar seus reconditos pensamentos, escarpellizar a alma da mulher, quando lhe vêmos o

MEU CORAÇÃO

Saleta fôfa; tepida corolla
Que torna em languidez castas idéas,
E' um encantado ninho d'azaléas
Onde o perfume da Tristeza evola.

E' ninho occulto em magicas sotéias
Onde a alegria em risos me consola.
E' um devaneio ao som de barcarolla...
Meu coração... oh! sonho d'azaléas!

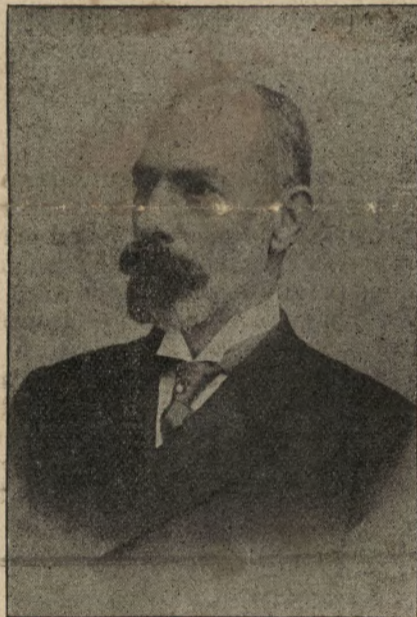
Pede á Dona Tristeza—d'olhos vagos
Cor de violeta, languida senhora! —
Que se retire. Pelo azul dos lagos

Deixa Alegria que minh'alma enflora;
Busca a luz prazenteira em seus affagos...
Por Deus! Dona Tristeza: vá-se embora!

GRACIEMA NOBRE.

S. Paulo, —1907.

SENADOR LACERDA FRANCO



Recordação...

A' ROSITA WAINBERG.

*Recorda-te, me diz compadecida,
secreta voz, baixinho e com receio.
Recorda-te, repete entristecida,
nas dolorosas fibras do meu seio.*

*E' dôce o recordar... adusto anseio
o desta voz, que, a meio enlanguecida,
repete inda uma vez, com vago enteio:
E' dôce o recordar... alma dorida!*

*E o coração em éco doloroso
responde áquella voz da idealidade:
Eu me recordo sim, do magestoso,*

*negro e bemdito olhar, sagrado incenso,
que faz da immensa dôr desta saudade
thuribulario deste amor immenso!...*

ISAURA DA FONSECA NICOLAU.

olhar; o gesto, a pose, que fazemos nós, tendo á frente este trambolho de parede, que os raios X não traspassam?!

O' parede, ó parede importuna que me vedas a decifração de um enyigma! Na tua muda ignorancia, interpões-te, egoista, a impedir o estudo de uma bella pagina de psychologia... feminina.

Mas, deixemos a psychologia, deixemos as collegas, deixemos os estylistas, lyricos e criticos, que, desta vez, do leitor prometti ter piedade.

E' façamos ponto.

OIRAM.

S. Paulo 12 — 4 — 1907.

O EGOISMO NA LITERATURA

Ultimamente, varios e soberbos arautos dos belletrismo, em genios e furibundas polemicas travadas na arena, felizmente ainda vi gem de sangue, de extraordinarias literaturas, têm affirmado, numa superior e aristocratica convicção, de muito alto, arrogantes, que a literatura elevadamente desdenha dess: altruismo "sentimental e piegas" que por ahi se proclama e que ella é sobranceira e presumposamente egoista!...

Esta profunda e activa affirmativa, lanç da por diversos pseudos buriladores do verso e magnos scientificistas á guisa de modernismo, porque é chister, de facto, um super-homem á maneira de Nietzsche, é contraria a todos os ensinamentos dos mais eminentes sociologos e mais ainda, essa asserção importa numa negativa formal ás proprias leis evolutivas, incontestavelmente hoje triumphantes.

Se a doutrina da selecção natural foi uma realidade em tempos idos, se niss épocas em que o homem tinhá de lutar contra a natureza e contra os animaes ferozes, em que o vencedor seria fatalmente o mais forte, se patenteava então exuberantemente a veracidade da lei darwiniana, temos de convir, porém, que a evolução lenta e progressiva a suavizou senão a transformou de modo radical, o progresso das sciencias melhorou consideravelmente as condições physiologicas dos individuos, dando-lhes um relativo conforto, proporcionando-lhes efficazes meios para minorar as aguras do afanoso *struggle for life*, emfim a solidariedade humana tende a tornar-se uma realidade, e a uma época de luta e de força ha de forçosamente succeder uma época de paz, de amor, e de concórdia.

De forma alguma se poderá c'n'est r o que affirmamos.

Os mais convictos adeptos das doutrinas do magno autor d's "Origens d's especies", os que ainda admittem, com restricções aliás, a verdade das leis malthusianas, são accôrde, porém, em dizer que o desenvolvimento das sciencias, o aperfeiçoamento das sociedades, o estreitamento das relações de sympathia dos diversos paizes pelo intellecto ou mesmo por interesses industriaes ou commerciaes, tudo isto leva a ligar os individuos pelos lcos de effectos reciprocos, unido-os num elevado ideal de solidariedade humana, tudo isto é afinal o decisivo triumpho dos generosos sentimentos de altruismo sobre o principio de egoismo que, confessemos, se foi de facto uma necessidade em outros tempos, hoje todavia tende a desaparecer, porque a "historia

dos progressos inseparáveis da sciencia e da industria nos ensina que a verdadeira lei que preside aos progressos da humanidade não é uma lei de luta e de egoismo, mas sim uma lei de amor" (1).

Nós que acreditamos que, aos progressos das sciencias, á evolução das sociedades, aos aperfeiçoamentos dos costumes, á renovação da moral, não pode ser de forma alguma estranha a arte, pensamos tambem que a literatura, ao envez de se apresentar ao mundo ledor com uma accentuada, pedantocratica aristocracia, deve sobretudo exhibir-se num caracter altamente humano, deve ser o reverbêro das alegrias que enchem de júbilo a alma dos individuos ou das agruras, dos padecimentos que os affligem, porque, digamos com Guyau, o fim mais elevado da arte é produzir uma emoção esthetica dum alto cunho social.

Tem-se dito, mais ou menos bombasticamente, que a arte não se deve immiscuir em questões sociaes; ella é superior a todas as mazellas, ás chagas que martyrizam a humanidade; a literatura é apenas feita para deliciar e a poesia, irradiação do sentimento, deve ser, affirmam, sobremaneira individual e egoista...

Taes estultas e infladas affirmações não podem, porém, ser admittidas. Guyau, o eminente sociologo, o artista superior, que ultimamente tem sido lido, commentado e citado por uma parte dos nossos noveis literatos, em toda a sua obra preffiga ardorosamente tal erronea maneira de se encarar a arte. O egoismo é para Guyau uma pura illusão. "Como o "eu", em summa, é para a psychologia contemporanea, uma illusão, porque não ha personalidade separada, porque nós somos compostos duma infinidade de seres e de pequenas consciencias ou estados de consciencia, assim o prazer egoista, ao ler-se a dizer, é uma illusão."

Sabido pela physiologia e pela psychologia que todos os orgãos do machinismo humano agem de perfetto accordo para um mesmo fim, se a solidariedade se manifesta em tudo o que encerra a natureza, desde os animaes inferiores até os vegetaes, porque não é a arte tambem altruista, e democratica sendo ella afinal a interpretação da propria Natureza?

O egoismo na literatura é uma aberração; o cantar-se em bellos e sonoros versos o proprio "eu", ou as fascinantes bellezas da mulher amada, ainda que isto satisfaça os requintes estheticos do seu aristocratico autor e o seu delicioso «egois-

(1) Bertholot—«Sciencia e educação».

me à deux», nada porém pode interessar á collectividade. «Emfim a obra de arte, a mais elevada, não é feita apenas para excitar somente em nós sensações mais agudas e mais intensas, mas sentimentos mais generosos e mais sociaes" (2).

Já é tempo de concluirmos. Necessitamos de que a nossa literatura, mormente a cultivada pelos nossos jovens vates e prosadores, se compenetre destes eloquentes periodos de Guyau. Não basta apenas modelar em artisticos versos coisas que jámais deveriam transpor o respeitavel e inviolavel sacro intimo... Não basta que na prosa se burilem apenas mimosas fantasias inverosímeis. Todas estas literatices podem ser de grande belleza mas... apenas para quem as escreve. É preciso que saibamos que ao redor de nós ha uma multidão que ri, alegre e satisfeita é outra que chora, desesperada, pelas agruras que a perseguem.

O egoismo ahi ha de ceder neccessaria e imprescindivelmente o passo ao altruismo. Sejamos solidarios com as multidões; riamos, em barulhentas gargalhadas, se os individuos se riem, pranteemos tambem se os individuos se deploram; nas alegrias ou nas tristezas, o verdadeiro artista é o reflexo do meio que o circunda.

DOGE DA MAIA.

(2) Guyau—«L'Art au point de vue sociologique».

O RELOGIO

Tremenda cosa es pasando
oir entre el ronco viento
cuál se despliega violento
desde un negro capitel
el son triste y compasado
del reloj, que dá una hora
en la campana sonora
que está colgada sobre él!

ZORRILLA.

... É o que lhe digo, meu Adamosinho das duzias, asseverei concludentemente, consolando-o, e nisto tirei fumaça do meu bello cachimbo de espumas; espiralou, preguiçosamente, em rolos de azulado fumo, no espaço, a philosophica cachimbada...

Pespeguei-lhe, de seguida, duas palmadinhas suasorias e amigaveis no osudo e desengonçado hombro: elle repuchou nervosamente todo o corpo e fez um esgar macabro: era o seu caçoete.

Seja razoavel, continuei, isso que você julga ser uma terrivel doença, nada mais é do que uma resultante logica do seu organismo depauperado e rachitico: não pode você naturalmente deixar de ser o que é, quero dizer, uma natureza impressionavel, neurasthenica, morbida. Demais, você soffre...

— Sim, respondeu, e muito, por uma grande paixão sem remedio... contos largos que o meu amigo em tempo saberá.

Era o meu interlocutor um typo cadaverico, magrissimo, moreno, insinuante; rosto pequeno, de «lume no olho e falinhas dôces», como diz o sr. Silva Pinto.

Não falava, ciciava; a sua voz não tinha nem as «agudezas» espanholas nem os interessantes «concetti» italianos, era uniforme, correntia...

Dir-se-ia uma surdina grotesca. Vincava-lhe a commissura dos labios um rictus de intima e profunda amargura,

Quando articulava palavras, curvava dolorosamente a cerviz, muito abatido, e, de quando em quando, levantava os compridissimos braços que pareciam repellir uma desgraça invisivel...

— Relojophobia é, chasqueei, o nome que, «data venia» dos sabios, póde designar a sua idiosyncracia.

Sorriu constrangido, um riso metallico e frio...

Tinha o quer que fôsse de tragico e fatal aquelle estafermo.

A sua figura mofina, o olhar sinistro, os seus gestos traziam á memoria o precito Ashaverus da lenda.

Sentia-se o estertorar da sua respiração oppressa e roufenha, que fazia lembrar o bafio pestilencial e mortifero que evolasse de um antro caliginoso e tiritante...

Era, comtudo, de uma belleza sinistra, uma belleza como a comprehendiam as feiticeiras de Macbeth: «O bello é horrivel, o horrivel é bello.»

Quando comecei estas mal cosidas linhas, acabara de proferir a minha réplica ás seguintes palavras de Adamo:

«Embóra digam o contrario, sou de opinião que o homem ha de, em todos os tempos, comquanto esteja sempre a

I

Lua Vermelha

Noite infinita, noite de tristeza!
De sangue um rio no céu se descortina:
Um povo máu deixou nessa campina
Índeleveis signaes de sua presa.

Entre as muralhas dorme a natureza:
Reina nas casas uma paz divina,
E a gran cidade a sua fronte inclina,
Ante o spectral terror dessa baixeza.

A maldade terrestre arde nos céos:
A lua que espande pelo rio nublado,
E' d'um terror que o espirito contrasta,

Porque saltando além dos sete véos,
A Salomé de olhar desvairado,
Pede ao Tetrarca a vida do Baptista.

II

O Pedido

«Dá-me, dá-me o Propheta, ó Rei! Eu quero
Aquelle ser que me transforma em furia!
Dançarei, cobrirei d'impia luxuria,
Os degraus de teu throno tão austéro.»

Serei mais forte que uma tua centuria;
Arco de prata e coração severo,
Dá-m'ó, dá-m'ó, Rei de Judeia! Quero
Fechar aquella bocca ébria de injuria.»

«Não o ouviste! Elle disse: «—O teu poder,
O' Rei, ha de findar!... Tanta crueldade
E' bem que desde já desapareça...»

«O' Rei, mata esse venenoso ser,
Que assim todo este odio que me invade,
Saciarse-á por sobre a sua cabeça.»

III

A dança

«Rei, dançarei a dança de Sydonia,
Clara e vermelha em passos bem concordés;
Dançarei aos mil sons dos harpicordes,
Em movimento leve e graça ionia.»

«Mais selvagem dos fructos que tu mordes,
Da palmeira onde se ergue Babylonia,
A minha contradança é da demonia
Que sacia os desejos teus discordés.»

... E o seu gesto era brando, cadenciado...
O seu cabello loiro desnastrado,
Era da côr dum Sol de primavera,

E o seu corpo perfeito e transparente,
Movendo-se á maneira de serpente,
Fazia-a soltar gritos de fera!...

blasonar-se de espirito superior e isento de preconceitos, ser o eterno paspalhão supersticioso e crédulo...

E provo com factos, proseguia. Olha lá o grande Eça de Queiroz que não era capaz de entrar em um aposento qualquer senão com o pé direito, que sentia se lhe pôem a pino os cabellos, quando no silencio morno da noite escutava o canto de uma coruja; que pintou magistralmente a impressão gelida e cheia de supersticioso terror que se apodera do individuo ao contemplar a brançura emoliente de um muro de cemiteiro a perder-se longe nas brumas da noite...

— E eu lhe opinava que o Eça, posto fôsse um homem devéras superior, era de uma organização nervosissima, o que explicava essas falhas de sua brilhante personalidade.

— Que! bocejou o homemzinho, fazendo o seu incommodativo cacoete, ha ainda milhares de factos, não cedo absolutamente á sua opinião. Já ouviu o meu amigo, certo, falar desse adoravel bibelot geographico que acóde pelo nome de Japão, a terra das coisinhas mimosas, das teteias adoraveis, do charão, das encantadoras Gheisas, do mar azul! Não ignora, com certeza, tambem que ha no imperio do sol nascente bellissimos minarêtes, muito altos, festonados de pequenas campainhas, dispostas em filas, que soluçam argentinamente ao soprar da briza... Os homens são como os minaretes. A' minima viração do mysticismo vago e incognoscivel do ignoto, começam desde logo a carrilhonar as campainhas dos seus preconceitos e das suas superstições... Este seu creado obrigado mesmo, disse ainda, quando moço, já foi um desabusado, que ria tanto, tanto, que até despedaçava os cós das calças, ao ouvir as tetricas historias de almas de outro mundo, de bruxas, de diabos, etc.

Foi elle que, incluindo-se em um grupo de treze rapazes, fundou, no funesto e aziago mez de agosto, justamente no fatidico dia 24, de S. Bartholomeu, pagina sanguinolenta e negra da historia religiosa da França, uma sociedade: «O Azar» cujas sessões ordinarias

se effectuavam ás sextas-feiras, caso estivesse presente numero legal de socios, isto é, treze pessoas á roda duma mesa...

Quem me viu, quem me vê...

Agóra vivo tristemente acorrentado a essa maldita e insensata obsessão do... relógio!! Arregalaram e esgazearam-se-lhe os olhos e tornou a fazer o seu horrivel cacoete, quando acabou de falar.

Narrara-me elle, momentos antes, isso que elle chamava «sua obsessão»...

Tinham morrido, successivamente, todas as pessoas que lhe eram caras, inclusive a sua adorada noiva, a pallida e lyrial Wanda, cujo rosto nimbado de uma extranha candura e de uma luz

O Beija-flôr

A' ISAURA.

*Porque fugiste, beija-flor formoso?
E ao alvo despontar da madrugada,
Deixaste o «morno» puro e dulçuroso
Do ninho teu,—a concha perfumada...*

*Da rajada raivosa da nortada,
Não temes o soprar impetuoso?
Trocas o ninho terno e caricioso
Pela sorte ingrata e malfadada?*

*Deixaste a calentura do teu ninho;
Assim tambem seu fulgido carinho,
Beijou minh'alma como tu á flor,*

*Fugiu como fugiste ao despontar da aurora
E desse sonho atroz só resta agóra,
Meu coração a transbordar de dor.*

ROSITA WAINBERG.

divina que impressionava, parecia o rosto de uma santa...

Recordara, então, o desgraçado a derradeira vez em que vira a bem-amada, branca, muito branca, os flavos cabellos artisticamente enastrados num requinte de suprema coquetterie...

*Morreu! deitada no caixão estreito
Pallida e loira, muito loira e fria...*

Tossiu rouca e cavernosamente, ao evocar esta recordação acerba.

Proseguiu:—Fiquei, pois, sosinho, no mundo, dominado por um «spleen» de todos os diabos, e, o que mais é, encafuado num casarão silencioso e sombrio.

Havia alli um relógio antigo, grande, desses relógios velhissimos que recordam pungitiva e dolorosamente os risonhos tempos da infancia, desses relógios que parecem ter alma: tinha uma pendula enorme, reluzente, sempre a tictaquear, a tictaquear escarninha, incommodativamente...

Aquelle sonido metallico, uniforme, eterno, irritante... e o bater compassado e sonoro das horas quasi me enlouqueceram: ao ponto de, um dia, ir até onde estava o relógio e escangalhal-o a martelladas!!

Fez-me isso grandissimo e irremediavel mal.

Basta ouvir um relógio qualquer dar horas e, como que fulminado, caio immediatamente em horrivel convulsão...

E' uma obsessão, concluiu. Fujo arrepiado de perto dos campanarios e de todo logar onde haja relógios, porque, presinto, morrerei numa das minhas crises.

Palavras não eram ditas, quando se ouviu «el son triste y compasado» do relógio de uma igreja proxima, que dava as doze badaladas da meia-noite...

O nosso homenzinho primeiro se encolheu todo dobrando as pernas num espasmo convulsivo; depois, inteiriçado, cresceu, cresceu... e, por fim, rolou para o chão como uma massa inerte, a modo de um carvalho abatido pelo furacão...

Tinha os dentes cerrados e franjavam-lhe os labios uma espumarada viscosa e branca... Tentei chamal-o á vida. Debalde: dahi, a momentos, fez a suprema contorsão de seu terrivel cacoete, o mais horripilante de todos, e ficou immovel.

Estava morto.

R.

S. Paulo — 1907.

Expatriado

(PARA A ROSITA)

Céu azul sereno, debruado de cirrus...

O navio levanta ferro, e, rasgando as citrinas aguas do mar, dá o levanto da partida...

No tombadilho, de pé, agarrado á amurada, no desespero atroz, na ancia de quem exhaure o ultimo alento, no arranco sublime de um adeus, o pequenito—rosto atrigado, cabellos escuros, olhos negros, vitreos de lagrimas—olha e soluça...

Quer levantar os braços, responder áquelles braços que de longe o interrogam, acenar áquelles lenços que se agitam no ar como plumas acochadas pelo vento, e, traduzindo as imagens que lhe vão imbutas n'alma, só póde dizer: minha mãe! minha terra!

Vêm chamal-o os companheiros de viagem, a quem elle vae recommendado.

Não os ouve: que importa áquelle coração de treze annos, tudo o que lhe possa suporizar a dôr?

E o navio continua a marcha regulada...

*

Oito dias depois, esses mesmos companheiros diziam entre lagrimas o ultimo adeus ao pequenino expatriado.

E o amiculo alvissimo das espumas marinhas, envolvia, numa caricia de beijos o seu delicado corpo.

*

IV

A voz terrivel

Descia a noite grave sobre o mundo,
Sem corôa, envolvida de mysterio,
Na Real morada, a infame, ébria de imperio,
Volvia o seu olhar negro e iracundo.

Fulgurou a gran voz em som profundo:
«Vibora, ordena tu, Claudio Tiberio!
Ferro e chamma, nem dança nem psalterio,
Sobre os maldictos, no palacio immundo!

Quem é o ser que em modo tão perfeito,
Desce dos solios de Jerusalém,
Vencendo o forte e o fraco sustentando?

Como o fogo de Abrahão ardo seu peito,
E nessa pugna santa pelo bem,
Seu divino furor vae-se acalmando!»

V

A cabeça do Santo

Torceu Tetrarca a sua alma de puz,
E ao servo disse: «Seja justicado!»
Moveu-lhe o labio um riso afeminado
Digno somente do inventor da cruz.

E a cabeça do ser immaculado,
Que pregava a doutrina de Jesus,
Ensanguentada, pallida e sem luz,
Doada foi ao odio desbragado

Da impudica bacchante Salomé,
Que ébria como um filho de Noé,
Eucheu-a de injuria e maldição!...

... E a lua, o céo sulcando com tristura,
Trazia impressa em si a imagem pura,
Do neo-martyr da humana abjecção!

ARTHUR BILAC.

Tambem tu, alma, de ha muito deixaste a patria das illusões, e no exilio vives a soluçar, o mal de ter amado.

Mas eu presinto que queres voltar á patria...

Não minh'alma, não voltes, que um segundo adeus, deve custar mais, muito mais do que o primeiro.

Não, embora existas, é necessario que morras para o mundo illusorio, é necessario que te não lembres mais de amar.

Bem sabes que em teu seio, sobre o retabulo do amôr, descança o altar da saudade!...

ISAURA DA FONSECA NICOLAU.

QUARESMA TRISTE

Leitor:

Assim como tem dissabores a belleza, tem trevas a religião!

Veneza, a cidade navegante, é a terra da belleza e da originalidade; no seu seio magestoso onde a Italia canta pela lyra dos seus bardos se abriu para nascer um Otello, a estatua viva do ciúme; nas noites londrinhas, enluradas, quando se desfazia o lençol de nevoas e a via-lactea, como um pallio d'ouro, luzia no concavo dos céos, e a cidade archi-edificante de bellezas, adormecia nas aguas do Tamisa, Macbeth a fazia estremecer, em toda a sua pujança de maravilhas inegalaveis. Na Italia, terra de belleza e arte, têm-se a fome e a miseria, no reflexo dos olhos garços das virgens napolitanas. Na França, no bello da politica, dois homens batem-se em duelo, as mais das vezes por um capricho pueril.

Voltando a Londres ainda: no movimento deslumbrante dos seus parques, um homem frio atravessa o peito de um outro homem, com uma lamina d'aço fria como sua propria alma, sem conhecê-lo antes, sem nunca tel-o visto.

Benevenuto Cellini esculpiu o florete para belleza d'arte, e esta paga o seu tributo na mão do assassino italiano.

Nas bellezas, das minas da Siberia morrem milhões de operarios pela fome e envenenados pelos gazes deletérios que a terra lhes manda.

Caro leitor: o que te digo da felicidade, digo-te tambem da religião. Lêste porventura os jornaes durante a quaresma que passou? Encarcera-se um homem da vida, num bairro da liberdade; assaltam-se nas egrejas, jardins e praças publicas, e eu, creia leitor, da janella do quarto, onde ennegreço estas folhas de papel, vejo passarem em mantilhas negras, fingindo magua, rostos magros, carcomidos de peccados, que vão buscar nas igrejas balsamos para os seus males negros nestes dias de quaresma... Digo-te nestes dias de quaresma, porque mal vi o enterro desta; os vultos de mantilhas negras que passavam hontem pela minha porta, tristes, cabisbaixos, quedos, passarão amanhã despregando á flôr dos labios, estridentes gargalhadas satânicas, praticando crimes e misérias, como se estivessem em pleno carnaval da loucura e do delirio!

E' por isso que me convenço, ha em tudo uma nota de tristeza, uma planencia dolorosa.

Perfeito, puro, no Universo, em que vivemos, só existe Deus!

ROLAND.

UMA POETIZA

No album de uma gentil e talentosa senhorita.

Minha senhora:

Pondo em evidencia thesouros de bondade e generosidade captivantes que promanam de vossa alma—qualidades minimas das muitas que exornam o ouro maciço do vosso peregrino espirito—fez-me V. Exa. um appello pedindo a este vosso criado algumas linhas de prosa para o lindo album que tenho á mão.

Accedi de prompto, á vossa amavel petição, contrariando aos energicos reclamos do meu intimo, attendendo a que não é de boa escola e a galanteria o preceitua rigorosamente, que jámais se recuse qualquer coisa a uma moça gentil e espirituosa, e no presente caso se tratava de V. Exa...

Paguei-me, contudo, bem caro, porque, desde logo, se me puzeram a dar justo rebate de alarme a minha modestia e a minha incompetencia, com razão tanto maior quanto o vosso album, que acabo de manusear, é um precioso e inestimavel eserinio, em cujo fundo azul chispam e irradiam pedrarias e gemmas custosas:—diamantes de Golconda, esmeraldas, prazios, amethystas...

Verdade é que, a par de rutilos brilhantes de Ophir que se desentranham em harmonias magicas de scintillações, ha no recesso opalino do vosso mimoso album modestas turmalinas... Porém, não deixa menos, por isso, de ser elle um eserinio, e um eserinio pede joias—dahi o meu desapontamento por não vos poder offerecer mais do que a prozaica lazulite do meu estylo insoffo.

Eis porque, desazado e commovido, assim como quem pela vez primeira enverga uma cisaca e não sabe disfarçar o embaraço da estrêa, ou como um calouro *encabulado* nos apuros de uma surriada, aqui estou eu no vestibulo destas linhas desataviadas:—reverente, o chapéu á mão, a gravidade das situações difficeis...

Mas V. Exa. é uma grande alma e, compadecida, vae tirar-me desta entalação de todos os diabos, fornecendo-me o assumpto deste cursivo atabalhoado:—os inspirados versos que V. Exa. teve a bondade de recitar-me...

Produziram-me grande e indelevel impressão os vossos dulcissimos versos.

Entrevi, de prompto, em V. Exa. uma promissora organização artistica, um coração amantissimo, tensamento afinado ao sopro benéfico do altruismo e do desinteresse e uma alma sonhadora e ingenua, em cujos refolhos se aninham os mais puros sentimentos.

Dir-se-ia que ha em vossa alma uma vivida e sonora cotovia, que entôa ora uma endeixa molhada nas tintas dolentes dos crepusculos de outubro, ora uma hosana inspirada pelas faiscantes manhas de sol de dezembro...

Aposto em como V. Exa., não raro glorifica á natureza com toda a abundancia de vosso coração, por esta fórmula:

«... Je vois la lumière».

J'entend chanter les nids!»

— Je ne plains des ombres;

— Je loue Dieu de ses graces sans nombres...»

Ezequiel Freire, o suavissimo poeta das *Flôres do Campo*, estabelecendo uma simile, disse a proposito dos versos da não menos suave poetiza d. Zalina Rolim: que lhe pareciam elles «vestidos de mousselines caseiras, aromatisadas com aquelles peculiares e suaves perfumes das gavetas dos moveis intimos:—folhas seccas de rosas e malvas e o doce effluvio da raiz do vétivér».

Dos vossos, parodiando, direi que parecem doirados e caprichosos filigrammas de sentimentos,—perolas de lagrimas congeladas ou arrebóes de sorrisos—trabalhadas a capricho por mãos fidalgas, ou azas brancas de sonhos indefinidos a esvoaçar no azul ethereo da vossa arroubada fantasia, e impregnadas dos perfumes subtis do coração...

Mas, comprehendo, ha de estar V. Exa. a dizer de si para consigo: «Que moço abelbudo! está a azoinar-me os ouvidos interminavelmente sobre o meu merito, como se eu precisasse que m'o elogiasses... Faria melhor se tivesse gizado a illuminura de um contosinho, em que houvesse a silhueta amavel de uma castellan de olhos negros e scismadores e um galante pageuzinho loiro, insinuante... e um castello nigerrimo a crescer gigantesco em meio á lactescencia mystica de um luar de prata...»

Eis a minha defesa: não o fiz, primeiro, porque detesto taes scenas alambicadas do morto romantismo; segundo, porque sendo um sau loso e trazendo o coração crispado de pessimismo e desillusão, só poderia aquarelhar tristezas e quem saba, deixar escapar uma lagrima furtiva...

Assim fico a contemplar as estrellas... como todos os saudosos que se prezam!...

Eis que na maciez setinea e irial dos céus abotôa, como uma candida rosa de luz, a estrella d'alva, a minha estrella!

Dê-m-lhe embora os sabios outro nome, tem para mim esse astro um nome humano todo intimo: Leilah! Como brilha! parece um fulgido lampadario de prata a derramar claridades...

**

Duas linhas mais e deixo calir o ponto final.

Queira-me V. Exa. perdoar, si vos contrariei tendo dado a minha sincera opinião sobre o vosso estro e, sem mais, aperto respeitoso as mãos da minha distincta collega.

S. Paulo, Abril de 1907.

LUAR.

Senador Antonio Lacerda Franco

Em companhia de sua exma. familia, segue para a Europa no dia 16 do corrente, o illustre senador coronel Antonio Lacerda Franco, o esforçado e muito digno presidente do conselho superior do Conservatorio Dramatico Municipal de S. Paulo.

Estampando em nossa pagina de honra o retrato de S. Exa., não fazemos mais do que prestar uma justissima homenagem á personalidade sympathica e progressista do homem que tanto tem feito em prol desta casa onde todos nós commungamos, com fervor, o santo ideal da arte.

Que S. Exa. faça uma deliciosa villegiatura e retorne breve para gaudio dos innumeros amigos e admiradores que deixo, é o que, de todo coração, desejamos.

PAULICÉA SOCIAL

“Centro Recreativo Internacional”

Esteve muito bonita a *matinée* realizada em 17 do mez p. f., tendo sido fartamente applaudidos todos os numeros do bem organizado programma, em cujo desempenho muito se distinguiram os intelligentes amadores d. Amedéa e Sylvio Lage, nosso prezado collega do Conservatorio.

Terminou com um baile a encantadora festa.

“Centro Dryades da Mocidade”

Com grande e selecta concorrencia, teve logar a 6 do corrente uma bella *soirée* dramatica organizada a capricho pela directoria desta sociedade.

Representou-se o drama em 3 actos *Abel e Caím*, que teve do luzido e bem ensaiado corpo scenico satisfactorio desempenho.

Encerrou a festa com chave de ouro um amistososo baile, em que tomaram parte todos os cavalheiros e senhoritas presentes.

NOVAS COLLABORADORAS

Mimoseamos os nossos leitores com dous graciosos sonetos respectivamente da lavra das talentosas poetizas senhoritas d.d. Graciema Nobre e Izaura Nicoláu, que passaram a honrar as columnas do «Preludio» com a sua collaboração.

Dispensamo-nos de dizer sobre o merito das novas collaboradoras, visto que ellas já estão brilhantemente recommendadas por si mesmas.

A primeira foi, não ha muito, revelada no mundo das letras, pelo intransigente João Crespo, o festejado critico e fino chronista d'«O Commercio de S. Paulo».

A segunda delicia com assiduidade os manuseadores do «Album Imperial» com trabalhos poeticos reveladores de brilhante talento.